

As Primeiras Luzes

Chamemos infância às horas em que o mundo ainda não tinha nome.

Não falo de um tempo perfeito — nenhuma memória o é —, mas daquele território em que a realidade se apresentava sem legenda e nós aprendíamos a lê-la com o corpo: o joelho esfolado, o susto da noite, o cheiro da sopa que marcava o fim da rua e o começo de casa.

As primeiras luzes são essas: as que acendemos por dentro antes de aprendermos a acender os interruptores.

Cresci entre duas cartografias: a cidade com as suas pressas e a aldeia com a sua demora.

Na cidade, os prédios eram falados a partir dos elevadores; na aldeia, as casas conversavam pelas janelas.

Um lado dizia-me que a vida se sobe; o outro, que a vida entra.

As duas lições ficaram.

Talvez seja por isso que, quando tento compreender um país, começo sempre por uma porta aberta e um botão de chamada — símbolos de pertencas que não são contraditórias, apenas diferentes na gramática do cuidado.

As primeiras luzes chegam em objetos humildes.

A lancheira de plástico, o caderno pautado, o lápis que, gastando-se, nos ensinava que o uso não diminui o valor — cumpre-o.

A escola começou por ser um cheiro: madeira velha, giz, o frio do ferro nas carteiras.

A primeira palavra escrita com letra certa não foi apenas conquista de caligrafia; foi a notícia de que a língua podia ser casa.

Até hoje, quando escrevo, volto a essa sensação de pertença: os vocábulos alinham-se como irmãos traquinas à espera de ordem; e eu, com paciência, tento que nenhum fique de castigo no canto do texto.

A infância também é um manual de medos.

Não o medo abstrato das estatísticas; o medo concreto do corredor escuro, do cão que ladra, do homem do saco que existia porque o diziam.

Olhando hoje, percebo que os adultos precisavam de uma pedagogia rápida para nos ensinar prudência.

E, como quase sempre acontece, a prudência veio vestida de fantasia.

Talvez devamos à imaginação mais sobrevivências do que admitimos.

Uma nação também se educa assim: com histórias que seguram o corpo até que a razão aprenda a caminhar sozinha.

Houve uma tarde de verão em que roubei um figo.

Não por fome, mas pela vertigem do proibido e nem me apercebi do erro que cometia.

A mão esticou-se por cima do muro como quem testa um destino.

Mal a fruta me pesou no bolso, senti o primeiro sobressalto de consciência.

Ao chegar a casa, a avó perguntou-me porque trazia eu um perfume de árvore.

Não me acusou: abriu o figo, deu-me metade e disse: “sabe melhor quando é dada”.

Não sei se foi perdão ou catequese, se foi pedagogia ou ternura.

Sei que, naquela metade oferecida, aprendi a reinstalar a moldura do gesto.

Roubar deixa um pedaço de sombra na boca. Partilhar devolve-nos a luz.

A infância oferece-nos a primeira gramática do tempo.

O domingo era religioso sem ser igreja: roupa cuidada, mesa inteira, o silêncio antes de partir o pão.

O ano escolar era um calendário de pequenas páscoas: o caderno novo, a mochila maior, os sapatos que durassem até ao Natal.

E havia as férias, esse território fora do mapa, quando as tardes passavam sem relógio e os adultos se tornam menos adultos.

O país cabe melhor quando o medimos em agostos e janeiros do que em PIBs.

Talvez por isso, quando um governo promete felicidade, desconfiamos; mas quando promete férias, acreditamos.

As primeiras luzes também entram pela rádio.

Alguém, na cozinha, rodava o botão e o mundo cabia num aparelho com voz.

Aprendi a ideia de notícia antes de entender a de política.

Havia terremotos que não abanavam a nossa mesa, mas abanavam o tom de quem falava.

Havia crimes que nunca veríamos, mas que mudavam o cuidado das mães na rua.

A informação começou por ser um rumor educado; só mais tarde se fez grito.

Se me perguntam quando começou a minha desconfiança da histeria mediática, respondo: quando percebi que o volume e a verdade raramente se abraçam.

Um professor ensinou-me que a infância é o lugar onde se aprende a esperar.

Senti a lição numa fila para o escorrega, num número tirado no centro de saúde, no banco de madeira da sala de catequese.

A espera não era castigo; era a arte de caber no mundo sem o tomar de assalto.

Não é um saber popular: é civilizacional.

Quem desaprende a esperar perde a escala de si mesmo.

Talvez boa parte da nossa crispação moderna nasça de termos transformado o desejo em urgência e a urgência em direito.

Mas não idealizemos.

A infância também traz aquilo que só muito mais tarde conseguimos nomear: humilhações pequenas, hierarquias de recreio, crueldades que testam as fronteiras da compaixão.

Lembro a vez em que um colega trouxe sapatos remendados e a turma riu.

O riso era fácil, a vergonha ficou com ele.

O professor aproximou-se, olhou-nos como quem fecha um livro e, sem levantar a voz, contou a história dos seus próprios sapatos.

Nunca mais vi tanta educação caber em tão poucas frases.

A infância é a primeira universidade moral; os seus mestres não têm toga, têm olhos.

Há também o lado secreto: a invenção de mundos.

Construíamos cabanas com mantas, cidades com caixas, mares com lençóis.

Esse urbanismo clandestino ensinou-nos que o espaço não é uma fatalidade — é um convite.

Hoje, quando nos dizem que não há alternativa, sorrio com a memória daquela engenharia de sala.

Havia alternativas sim: bastava recolher mais duas cadeiras e acreditar.

Quem perdeu a capacidade de imaginar arruma mal a realidade; fica como um adulto que, por dentro, desaprendeu de ser criança.

Falo da infância como quem fala de um país.

Um país não é apenas um território; é a soma das primeiras luzes de cada um.

As políticas públicas falham quando esquecem isto: que se governa melhor se se lembrar como crescem as crianças de um bairro, de uma aldeia, de uma periferia.

A escola que fecha cedo, a praça sem árvores, a biblioteca que nunca abre ao sábado — são decisões técnicas que moldam biografias.

A violência de amanhã às vezes começa numa porta trancada hoje.

É por isso que insisto tanto na palavra cuidado.

O cuidado é o modo adulto de honrar as primeiras luzes.

Quem cuida não infantiliza; cria as condições para que a infância de cada um continue a alumiar a vida inteira.

Cuidar é o contrário de tutelar: é abrir, não encerrar.

Um país que cuida sabe que nenhuma criança é apenas “de risco” — é de possibilidade.

E uma possibilidade não se contém com medo; alimenta-se com esperança concreta: uma professora que fica mais cinco minutos, um campo de jogos aceso ao fim da tarde, uma mão que chega a tempo.

Quando volto à rua onde aprendi o equilíbrio da bicicleta, apetece-me agradecer àquele chão.

Não por nostalgia, mas por justiça.

A memória não é um álbum para o serão; é uma bússola.

Diz-nos onde aprendemos a cair, portanto onde sabemos levantar-nos.

Se hoje escrevo é porque alguém, numa manhã, me disse: “devagar, que se aprende melhor”.

As primeiras luzes não se apagam; declinam-se.

Às vezes parece que falham, como lâmpadas de cozinha.

Mas basta um gesto — alguém acende o interruptor — e regressam.

O que levamos da infância?

Mais do que fotografias, levamos uma música de fundo.

Uma harmonia simples, feita de ruídos domésticos: água a ferver, talheres, risos, portas que batem.

É com essa música que medimos a verdade dos sítios onde entramos.

Se uma casa não tem som de gente, duvidamos.

Se uma política não tem som de crianças, suspeitamos.

As primeiras luzes continuam a ser o critério.

Escrevo isto para não esquecer que, por baixo das nossas razões adultas, há sempre uma criança que só queria caber.

Quando me vejo a endurecer nas palavras, procuro essa criança e pergunto-lhe se ainda reconhece o mundo.

Quase sempre, ela responde-me com simplicidade: “abre a janela”.

E é assim que o ar entra, novamente.

É assim que as primeiras luzes voltam a acender-se — não por milagre, mas por disponibilidade.

No fim, talvez seja essa a lição maior: a infância não passou; está em suspenso dentro de nós.

Quando a honramos, o país melhora.

Quando a esquecemos, o país encolhe.

Não sei se isto resolve alguma coisa na vida prática.

Sei que me resolve a direção.

E, às vezes, uma direção basta.

AC